

Dívida e juros, os grandes desafios

O novo presidente do Banco Central, Francisco Roberto André Gros, tem o desafio de agradar o PMDB e o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, nas questões chaves da renegociação da dívida externa e do custo interno do dinheiro. A indicação do atual diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) surpreendeu o funcionalismo do Banco Central e ninguém ousou prever se haverá guinada completa no tratamento da dívida e dos juros, em relação à estratégia adotada por Fernão Bracher.

A posição contrária ao endu-

recimento com os credores ex-

ternos enfraqueceu muito a posição de Bracher dentro do governo. Agora, Gros tem a difícil tarefa de endurecer e obter algum acordo com os banqueiros internacionais até 15 de abril próximo, quando acabam os compromissos dos credores com a manutenção de US\$ 15 bilhões de créditos de curto prazo.

OS JUROS

A questão dos juros tem ingredientes políticos e econômicos. Segundo o **CORREIO BRAZILIENSE** apurou na área financeira, os bancos continuam a abrir suas taxas de captação por ter, na outra ponta, os

estados como tomadores de recursos, a qualquer custo. Os atuais governadores tomam empréstimos, mediante o comprometimento de receita futura do imposto sobre circulação de mercadorias (ICM), para pagar e ficam bem com empreiteiros e fornecedores.

Após a posse dos novos governadores, no dia 15 de março próximo, a pressão de demanda de crédito diminuirá. Então, restará o ingrediente econômico das altas taxas de juros: a inflação efetiva e a expectativa de inflação futura. Bracher apostou na remuneração real para ampliar a poupança e caiu.